

Débora Cristina Santos e Silva

**ENSINO DE LITERATURA: DO EXPERIMENTALISMO LITERÁRIO
ÀS POÉTICAS DIGITAIS**

Relatório final apresentado à Universidade Fernando Pessoa como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Pós-Doutor em Literatura e Hipermédia, sob a orientação do Prof. Doutor Rui Torres.

Universidade Fernando Pessoa

Porto, 2010.

1. Ensino de literatura em hipermédia: perspectivas e desafios

Nossa preocupação com o ensino de literatura tem se intensificado ante o novo contexto que se nos apresenta com o advento dos média digitais, o que favorece o intercâmbio intermídia e torna a tarefa pedagógica muito mais complexa e desafiadora. Atualmente, o professor encontra diante de si um amplo e diversificado universo de ferramentas e recursos midiáticos que exigem dele, antes mesmo de começar a pensar em metodologias e estratégias de ensino, o desenvolvimento de habilidades e competências para lidar com um complicado aparato eletrônico, além dos complexos meandros dos percursos da web.

Muitas são as questões que esse professor enfrenta e que exigem dele horas de estudo e preparação. Os recursos da web são praticamente infinitos. Os chamados “objetos de aprendizagem” são considerados recursos digitais que podem ser utilizados e reutilizados em diferentes contextos de aprendizagem. Um exemplo usual são dos museus virtuais, em que visitas podem ser realizadas em tempo real, colocando o usuário em contato imediato com o objeto de aprendizagem, com possibilidades, inclusive, de interatividade. Outro exemplo são as aulas em laboratórios virtuais com aplicabilidade em diferentes áreas do ensino, tão diversificadas como a medicina, a arquitetura e a publicidade.

Em literatura, vivências de leitura, interpretação de textos e produção de escrita criativa podem ser proporcionadas em muitas situações de aprendizagem presencial ou a distância. Nestas, podem ser usados softwares que simulam experiências a partir de alguns parâmetros, sendo estes executados repetidamente pelo estudante até a aprendizagem satisfatória. Sites de compartilhamento pipocam em toda a net. Neles uma quantidade assustadora de mídias podem ser compartilhadas, integradas e emuladas, ao gosto de todo e qualquer usuário.

No contexto do ensino formal, os recursos digitais podem também ser integrados aos AVAs (Ambientes Virtuais de Aprendizagem), simulando ambientes reais de aprendizagem com o uso da TICs (Tecnologias de Informação e Comunicação). De acordo com Burgos (2005), o uso de ambientes virtuais de aprendizagem como espaço de aprendizagem evidenciou novas configurações de produção e acesso a textos, resultando em inéditas e infinitas formas de ler, escrever, pensar e aprender, destacando-se nesse caso o potencial de liberdade de movimento do utente/leitor, que lhe possibilita percorrer vários caminhos num mesmo suporte e assim aprender da forma que lhe convier.

Para Silva (2003, p. 63), um Ambiente Virtual de Aprendizagem deve

favorecer interatividade, entendida como participação colaborativa, bidirecionalidade e dialógica, além da conexão de teias abertas como elos que traçam a trama das relações. O informata (sic) que programa esse ambiente conta de início com o fundamento digital, mas para garantir hipertexto e interatividade terá que ser capaz de construir interfaces favoráveis à criação de conexões, interferências, agregações, multiplicidade, usabilidade e integração de várias linguagens (sons, textos, fotografia, vídeo).

Efetivamente, nesse contexto de ensino-aprendizagem autônomo por parte do sujeito aprendente, a função do professor se coloca num espaço delicado de (inter)mediação, que se configura por estimular as relações favorecidas pela web, como a interação, a dialogicidade, a investigação e a produção colaborativa de conhecimento.

Diante desse cenário tão desafiador, mas também pleno de possibilidades, nossa pesquisa se voltou para o tema: “Textualidade em mídias digitais: interfaces do discurso na cultura visual contemporânea”, estando, portanto, ligada à linha de pesquisa “Produção e recepção de conhecimento em meio digital”, no âmbito do projeto PO-EX 70/80, coordenado pelo professor Doutor Rui Torres.

Desta forma, iniciamos nossas pesquisas ainda no Brasil, quando atuamos como professora-autora de material didático para a disciplina “Leitura e Produção Textual”, do curso de licenciatura em Artes Visuais, da Faculdade de Artes Visuais da UFG (Universidade Federal de Goiás) e também como professora-formadora dos tutores de AVA, na disciplina “Psicologia e Produção do Conhecimento”. Nesse período, desenvolvemos, além do material didático, que foi publicado em livro didático e em mídia digital (CD-Rom), em 2008, também compôs a coleção *Tramas e Urdumes*, lançada pela Editora da UFG, em 2010. A essa altura, com alguma vivência em EaD, pudemos contribuir diretamente com o processo de construção de conhecimento, por meio da interação com os professores orientadores (tutores de AVA) e os graduandos do curso, nos momentos de planejamento da disciplina, de participação nos fóruns virtuais e na preparação de material didático de apoio aos conteúdos trabalhados. Diante do contexto explicitado, não é difícil perceber a necessidade que sentimos de buscar alternativas para a reorganização dos conteúdos e das formas da linguagem com o intento de promover estratégias de ensino e aprendizagem em EaD. E esta é, sem dúvida, uma das prioridades da pesquisa em educação no Brasil hoje. Com efeito, no âmbito da docência e da pesquisa, o professor autor persegue objetivos bem definidos, tais como: a) familiarizar-se com a linguagem digital, no sentido de abrir-se ao diálogo hipermediático; b) adquirir noções básicas de recursos de hipermídia para elaboração de material didático em EAD; c) compreender a relação autoria-texto-recepção do utente/leitor no hipertexto e em mídias digitais; d) inteirar-se dos processos de avaliação na aprendizagem a distância.

Foi exatamente com esses desafios diante de nós que desenvolvemos nossa pesquisa em torno dos aspectos que constituem a Educação a Distância, bem como as especificidades do

processo de ensino-aprendizagem nesse contexto. É assim que, ao longo dessa pesquisa, propusemos uma discussão sobre as peculiaridades da produção do texto digital, com vistas à mediação do processo de ensino-aprendizagem em EaD, tendo como objeto de estudo a interação e a interatividade entre os acadêmicos de Artes Visuais da UFG, a partir dos quais construímos estratégias metodológicas para otimizar nossas práticas pedagógicas

Dando continuidade à pesquisa em EaD, abordamos inicialmente a questão da leitura na tela, discutindo os aspectos que envolvem esse fenômeno, próprio das culturas informatizadas, sendo um diferencial importante para a inserção do indivíduo na circulação do conhecimento, dentro da sociedade tecnológica atual. Isso envolve uma investigação das experiências de leitura dos alunos, abrindo o debate com os tutores de AVA sobre a noção de letramento, de fruição poética e de leitura literária. O que é letramento? O que significa ser “letrado” no contexto atual? Como encarar os diferentes “eventos de letramento” que a sociedade tecnológica nos apresenta a cada dia? São questões como estas que nos propomos a discutir no contexto dessa pesquisa.

Segundo Kleiman (1995, p. 19), “podemos definir hoje o *letramento* como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos” De fato, a linguagem, como fenômeno social, estrutura-se de forma ativa e grupal do ponto de vista cultural e social. E isso também se aplica ao texto eletrônico.

Sobre o assunto, Lévy (1993) ressalta, ainda, nesse contexto, o papel fundamental das tecnologias de escrita como uma das *tecnologias intelectuais* responsáveis por gerar estilos de pensamento diferentes; para ele, as tecnologias intelectuais não determinam, mas condicionam processos cognitivos e discursivos. Esse dado deve ser considerado, sobretudo, no plano da linguagem. Por isso, é preciso maior reflexão sobre as mudanças técnicas e linguísticas que ancoraram a construção social de diferentes tipos de cultura: a cultura oral, a escrita e a cibernética. É assim que os gêneros textuais surgem como “rotinas sociais do nosso dia-a-dia (...) Quando ensinamos a operar com um gênero, ensinamos um modo de atuação sociodiscursiva numa cultura e não um simples modo de produção textual”. (Marcuschi, 2006, p. 24, 25). Essas e outras questões implicadas no processo de construção do conhecimento no contexto do ensino a distância têm sido alvo de nossas reflexões nesta pesquisa. Assim, há uma inegável diferença entre a escrita linear e analógica dos leitores do livro, ou seja, da página impressa, e a dinâmica e dialógica, feita pelos internautas de hoje na tela do computador. Neste, tanto “a noção de autoria quanto a de leitor se modificam pelas próprias condições da interatividade envolvida. No computador, o espaço de escrita é a tela, ou a ‘janela’, ao contrário do que ocorre quando o espaço da escrita são as páginas do papel.” (Silva, 2009, p.35)

Por outro viés, discutimos também os aspectos mais específicos da produção do material didático para o contexto do ensino a distância, destacando a relevância das experiências de *interatividade e interação* no ciberespaço. A esse respeito, assinala a pesquisadora chilena Viviana Oyarzún (2008, p. 111), estabelecendo uma curiosa diferenciação entre os referidos termos:

Interactividad no es igual a interacción: mientras la primera se refiere al proceso de responder estímulos auditivos y visuales, procedentes de una determinada tecnología, la segunda alude la relación de acción e reacción que se genera entre personas (...) la interactividad se adscribe al ámbito de lo perceptivo y la interacción al plano de lo comunicativo.

Esse é um dado interessante, quando se pensa no papel de cada actante envolvido no processo de ensino-aprendizagem a distância, desde o professor-autor (que não tem contato direto com o aluno, mas é responsável pela elaboração do material, seleção de ferramentas e planejamento de todo um módulo a ser desenvolvido no ambiente virtual), passando pelo professor-formador (que acompanha todo o processo junto aos tutores de AVA, ao longo de todo o módulo ou disciplina) e tutores de AVA (que atuam diretamente no ambiente virtual junto aos alunos) até os tutores de polo (que assistem os estudantes no polo local). A qualidade dos níveis de interatividade e, principalmente, de interação é um dos fatores essenciais para o bom andamento de um curso em EaD.

Essa realidade lança também novos desafios ao professor/autor em EaD, em seu papel de formar um sujeito capaz de atuar socialmente, numa cultura do livro, miscigenada, agora, com gêneros não literários e mídia audiovisuais. Tal cenário exige de nós a disposição para investir em estratégias inovadoras de ensino que busquem a contribuição das diferentes mídias e explorem a gama de recursos oferecidos pelas TIC, presentes nas relações sociais contemporâneas – terreno fértil para a nossa intervenção educativa.

Efetivamente, os recentes projetos de educação a distância têm representado um processo e uma promessa de inclusão cultural jamais vista. É surpreendente ver que apesar das constantes queixas sobre falta de investimento na educação no Brasil terem seus fundamentos, exigem, em contrapartida, nosso investimento na ousadia, na busca de alternativa. Não podemos fechar os olhos à mudança de concepção de oferta de ensino superior quando vemos as principais universidades brasileiras chegando aos municípios mais remotos. Nesse caso o meio é novamente a mensagem, pois sintetiza um novo padrão de disseminação artística e cultural. Resgatando os termos de Umberto Eco, diante dessas questões, não adianta apenas nos posicionarmos a favor (integrados) ou contra (apocalípticos) à presença das novas mídias no cotidiano ou na educação. Sendo parte da realidade contemporânea, tal como na escola tradicional, nesse novo ambiente também o desafio da educação é construir esse novo projeto com a sempre

necessária consciência crítica de que nem tudo que cai na rede é peixe. (Guimarães e Losada, 2008).

Na sequência de nossas pesquisas, ao iniciarmos nosso estágio pós-doutoral na UFP (Universidade Fernando Pessoa), no Porto, integramos a equipe do PO-EX, onde começamos a investigar a rica experiência de criação literária e produção poética dos escritores da poesia experimental portuguesa, iniciada pelos anos 60 e se desdobrando como um largo rio cheio de afluentes (para usar uma metáfora poética) pelos anos 70 e 80 e além, uma vez que defendemos a hipótese de ser essa poesia experimental o germen de toda uma *lyric à venir* (recordando Blanchot), de um futuro que já se mostra hoje, diante dos recursos ilimitados da videopoesia, da holopoesia, da biopoesia e da LGC (Literatura Gerada por Computador).

E é justamente aí, no domínio da videopoesia, da holo e biopoesia, da hiperficção, da ópera quântica e da LGC – produções que abrem o espaço de diálogo intermédia - que nos encontramos com autores como E.M.de Melo e Castro, Eduardo Kac, Arnaldo Antunes, Antero de Alda e Pedro Barbosa, integrantes de uma geração (para usar um termo polêmico) que renova o fazer poético, sem medo de aventurar-se ao novo, ao inédito, à ruptura, mas sem perder o respeito à tradição e a tudo de valioso que ela nos legou. Além destes, não se pode esquecer os que ousaram compor o discurso interartes, na exploração do poema-objeto, das instalações, da performance e do happening, como é o caso de Salette Tavares, Ana Hatherly e Fernando Aguiar.

Na sequência de nossa pesquisa, já então integrando a equipe do PO-EX 70/80, na linha de pesquisa *Visualidade e Expressividade Materiais na Literatura Experimental Portuguesa*, a partir do início da execução do projeto, em março de 2010, começamos com uma tentativa de mapeamento das produções em hipermídia, quando percebemos que a noção tradicional de “gêneros textuais” estanques e configurados segundo uma certa “estrutura textual” já não se sustenta, num contexto claro de hibridismo e produção intermédia. E esse fenômeno atinge, sem dúvida, o terreno da teoria literária, uma vez que esse novo estado de coisas exige do crítico uma nova postura frente a interpretação da obra e do próprio processo de criação literária. As questões de autoria, direitos autorais, classificação e caracterização da obra literária (se é que isso ainda é possível e desejável nesse contexto), definição de gêneros textuais, entre outras, se interpõem ao papel do crítico, do teórico da literatura e do professor.

Surge, a essa altura, a necessidade de se redefinir “textualidade” no sentido de abarcar os mais diferentes níveis de metamorfose que o texto alcança no contexto das mídias digitais, recorrendo a critérios que se estendem para além dos tradicionalmente considerados no âmbito do impresso, e articulando-os com a cibercultura (Reis, 2006). Em decorrência, surgem indagações, igualmente levantadas por Reis, quando nos adverte a questionar: ... “Qual será o estatuto de uma obra cujas manifestações textuais são incessantemente imutáveis? O que lê o leitor quando lê um

percurso entre uma infinidade de percursos possíveis?... (Reis, 2006, p. 48). Nesse sentido, aparece também uma inevitável alteração no próprio conceito de texto, encarado, então, como uma “estrutura em processo”, ampliada em sua capacidade geradora de sentidos, e não apenas em seu sentido material, como um meio de comunicação intersubjetiva autor-leitor (p. 51).

Diante do impasse, é aconselhável ter cautela, evitando-se inferências prematuras e arriscadas. Começamos por voltar ao ponto de origem, ou do que entendemos por “um novo começo” da lírica contemporânea ocidental, que é exatamente o que se construiu a partir das vanguardas históricas do início do Séc XX (todos os impressionismos, futurismos, dadaísmos e cubismos que vieram à luz com a virada do século) e o que delas se depreendeu do diálogo aproximado com as demais artes (a música, o cinema, a escultura), sobretudo, nesse momento, com a pintura. “O que se vê contagia o que se lê”, já afirmava Arnaldo Antunes em suas primeiras reflexões sobre as relações dialógicas entre a poesia visual e a pintura. E acrescenta: “Das inscrições rupestres pré-históricas às vanguardas artísticas do séc. XX. Sofisticadamente desenvolvida durante milênios pelas tradições chinesa, japonesa, egípcia, árabe. Com lápis, pena, pincel, caneta, mouse e raio laser – O que se vê transforma o que se lê. (*Sobre a caligrafia*, 2002, on line). Tais afirmações asseguram a tendência sempre crescente de aproximar a palavra escrita da pintura, do desenho, da gravura, dos códigos verbivocovisuais, como bem assinalaram os poetas concretistas brasileiros. As experiências da caligrafia, do poema/ideograma e da holopoesia confirmam essa tendência na literatura moderna.

Esse processo, com efeito, não sofreu solução de continuidade com o advento das neovanguardas, cuja florescência se deu entre as décadas de 50 e 60, mas se estendeu até os anos 80, marcadamente pelo movimento internacional da poesia concreta (que teve no Brasil grande expressividade, com produções líricas de alta qualidade estética, além de um trabalho primoroso de crítica, levado a efeito pelos irmãos Haroldo e Augusto de Campos, e Décio Pignatari), bem como da poesia experimental portuguesa. É preciso reafirmar que o trabalho criterioso de criação, pesquisa estética e investigação teórica de poetas, artistas e webdesigners como E.M. de Melo e Castro, Pedro Barbosa, Salette Tavares, Ana Hatherly, Herberto Helder, Silvestre Pestana e Fernando Aguiar, só para citar alguns, compõem um rico acervo literário e cultural que não se pode deixar perder-se. Daí e relevância de um projeto como o PO-EX 70/80, que propõe a composição de um arquivo digital desse acervo, além da pesquisa estética da obra desses autores.

Ainda nesse enfoque, assinala Antônio Risério (1998, p. 85), em seu interessante trabalho de reconstituição histórica desse processo, que “o concretismo, buscando uma dimensão verbivocovisual, combateu o discurso lógico-linear e trouxe para o centro de sua reflexão a ideografia chinesa [...] substituindo a lógica sintática (aristotélica, silogística) pela ideogrâmica.”

(diríamos, depois de Deleuze, rizomática). Com efeito, a arte chinesa, nos séculos VII, IX, X e XI, era calcada na ideia das “três perfeições”, que reunia a caligrafia, a pintura e a poesia. O próprio ideograma chinês é uma das mais antigas formas de representação e comprova que a busca pela expressão teve seu ponto alto na preocupação com a forma imagética. Conscientes desta importância, os poetas concretos retomaram o ideograma na fundamentação de seu movimento. (Longhi, 2002).

Entretanto, essa postura, que não é apenas formal ou retórica, mas sobretudo epistemológica, se fará sentir ainda mais acentuadamente nas criações hipermídia posteriores, quando as condições de produção e recepção da mensagem no novo sistema comunicacional da cibercultura mudará radicalmente. No dizer remissivo de McLuhan (2008, p. 21): “o meio é a mensagem”...É preciso reconhecer que desde esse início ainda incipiente das poéticas digitais, o livro já não era o meio adequado para dar conta de todas as exigências estético-semióticas do que se criava naquele momento – o poeta passa a apresentar-se como o designer da linguagem, como sugerem os *Poemóviles* (de Augusto de Campos), a *Caixa Preta* (de Augusto de Campos e Júlio Plaza) e a videopoesia de *Nome* (de Arnaldo Antunes).

É assim que, no desenvolvimento das pesquisas no âmbito do PO-EX 70/80, tivemos acesso ao rico espólio da literatura experimental portuguesa, além do que já tinha sido produzido pelos pesquisadores do PO-EX 60, em termos de enquadramento teórico, análise de corpus, emulação de softwares e recriação de textos desses autores, material já disponível em mídia eletrônica e no sítio do projeto na web. O estudo mais atento da ciberliteratura passou a ser nossa prioridade.

Nesse percurso, recorreremos a um imprescindível acervo crítico, selecionado de acordo com as indicações do nosso orientador, a fim de construir o suporte teórico necessário à fundamentação de nossas reflexões sobre a literatura eletrônica e o contexto da cibercultura. Desse acervo, destacam-se os nomes de Marshal McLuhan, Walter Benjamin, Abraham Moles, Lev Manovich, Claus Clüver, Phillip Booltz, Aarseth, Glazier, Viullemmin, além dos pesquisadores portugueses, que apresentam igualmente uma bibliografia relevante sobre o assunto, a exemplo de Ana Hatherly, Melo e Castro, Pedro Barbosa, Pedro Reis, Rui Torres e José Augusto Mourão.

De acordo com Barbosa (1998), Literatura Gerada por Computador (LGC), Infoliteratura ou Ciberliteratura são termos que designam um procedimento criativo novo, nascido com a tecnologia informática, em que o computador é utilizado, de forma criativa, como manipulador de signos verbais e não apenas como simples armazenador e transmissor de informação, que é o seu uso corrente. Tal uso criativo do computador, extensível de forma geral à Arte Assistida por Computador e à Ciberarte (composição musical, criação de imagens

sintéticas, cinema animado por computador, etc.), varia consoante as potencialidades gerativas do algoritmo introduzido nos programas. Tais programas assentam normalmente num algoritmo de base combinatória, aleatória, estrutural, interativa ou mista (combinando uma ou várias destas modalidades).

Na Ciberliteratura o computador funciona como "máquina aberta", ou seja, uma máquina em que a informação de entrada ou *input* é diferente da informação de saída ou *output* (por oposição às "máquinas fechadas", como é o caso de um gravador áudio ou vídeo, onde a informação de entrada é igual à informação de saída). O computador no seu todo (hardware +software) equivale a uma "máquina semiótica", criadora de informação nova, o que conduz a uma alteração profunda em todo o circuito comunicacional da literatura no que concerne à criação, ao suporte e à circulação da mensagem. Assim, "texto virtual" é um texto em potência que contém o programa genético das obras a gerar; o computador intervirá então aqui como um extensor de complexidade, capaz de dar execução à multiplicidade infinita dos textos (e, portanto, dos sentidos) a gerar pelo programa – é uma estrutura literária associada a um motor informático que a põe em funcionamento.

A introdução da interatividade no momento da recepção do texto em processo pode conduzir a uma intersubjetividade nas funções tradicionais do autor e do leitor mediante uma maior ou menor participação deste último no resultado textual final. Desta forma, entra-se num processo de *escrita-pela-leitura* ou de *leitura-pela-escrita* que se pode denominar de "escrileitura", o que implica um novo papel para o utente/leitor - "escrileitor", "wreader" ou "lauteur".(Barbosa,1996). Assim, Criar (C) no computador equivale a fornecer um repertório finito de Sinais (S), um número finito de Regras (R) para combinar esses sinais entre si, e uma Intuição (I), simulada pelo algoritmo, que determina que sinais e que regras serão selecionados de cada vez. O conjunto constitui os três elementos que definem o programa estético: $[C = I (S+R)]$. Nessa equação criativa, o I pode representar a intervenção do acaso, enquanto simulador da Imaginação, sinónimo de Liberdade. (Barbosa, 2001, on line)

Do ponto de vista da leitura, poder-se-ia designar aqui por "texto quântico" aquele texto múltiplo que, quando encarado do ponto de vista do autor (ou seja, do ponto de vista da sua construção), nos surge como "texto generativo" ou "texto virtual" (...) um texto que, na sua manifestação concreta, é regido pela indeterminação na multiplicidade do seu ser e opera uma dialética permanente entre a ordem e o acaso, existindo primeiramente enquanto estrutura num estado de permanente disponibilidade virtual, antes de se manifestar, de modo vários, no plano atual. (Barbosa, 2009, on line).

Entende-se aqui o texto, e a produção de sentido, já não propriamente dentro de uma

perspectiva atomístico/estruturalista, e sim num outro paradigma, próximo do pensamento quântico. Isto porque se podemos, por um lado, considerar cada palavra como um “átomo de sentido”, por outro lado a produção de sentido no discurso vai-se fazendo dinamicamente de palavra em palavra, num jogo onde todas as palavras interagem umas sobre as outras, havendo de uma palavra para outra uma espécie de salto qualitativo de informação, um "salto de sentido" equivalente a um "salto quântico" de energia informacional. (Barbosa, 2009, on line)

Assinala, ainda, a esse respeito, Rui Torres que Aarseth, em sua obra *Cibertexto: por uma literatura ergódica*, de 1997, define como “cibertexto” todo o texto que tem mecanismos de retroação que permitem ao leitor configurar caminhos (ergos + hodos = trabalho + percurso). Essa definição coloca no mesmo critério de definição e enquadramento formal as produções que transitam do I-Ching aos contos do J. Cortazar, os caligramas de Apollinaire e os livros de crianças, de R. Queneau a MUDs, hiperficção e literatura generativa (Torres, 2008). O crítico cita, ainda, Friedrich W. Block, que se refere a categorias conceptuais que caracterizam a poesia digital, e que são muito úteis para se distinguir, com clareza, os princípios base destas criações: auto-referência medial, processualidade, interatividade, hipermedialidade e networking. Finalmente, ressalta que é preciso considerar que, tendo em vista as componentes midiáticas da hipermédia, disponíveis para utilização na literatura eletrônica, um número mais alargado de critérios deverá ser abordado: Interface, Imagem, Texto e Tipografia, Gráficos, Áudio, Vídeo, Animação, 3D, Espaço virtual, Web, Rede, Programação e Algoritmos, fatores que contribuem para o processo de criação digital em hipermédia. Diante disso, uma grande variedade de formas de textualidade, integradas à multimédia, podem se concretizar por meio de complexos processos de transposição semiótica enriquecedores e abrangentes, tornando a experiência de fruição estética e aprendizagem muito mais eficiente.

No estado atual em que se encontra, de acordo com Barbosa (2001), a LGC abrange três grandes linhas, gêneros ou tendências de criação textual, as quais muitas vezes podem assumir uma forma mista: 1) a *Poesia Animada por Computador* que, na continuidade da poesia visual, introduz a temporalidade na textura frequentemente multimidiática da escrita em movimento no ecrã; 2) a *Literatura Generativa* que mediante "geradores automáticos" apresenta ao leitor um campo de leitura virtual constituído por infinitas variantes em torno de um modelo; 3) a *Hiperficção* ou narrativa desenvolvida segundo uma estrutura em labirinto, assente na noção de hipertexto, ou texto a três dimensões no hiperespaço, em que a intervenção do leitor vai determinar um percurso de leitura único que não esgota a totalidade dos percursos possíveis no campo de leitura

Na sequência, poderíamos elencar alguns gêneros de produções poéticas digitais, baseados nas considerações de Manosso (1999) e Solt (1968): a) Poemas Sonoros: aqueles que

valorizam a questão da sonoridade fonética, concebidos para o discurso oral; b) Poemas Gráficos: aqueles em que o aspecto gráfico-editorial faz parte da obra, como os poemas concretos; c) Poemas Cinéticos: aqueles que utilizam recursos de animação gráfica na sua construção, sendo voltados para a mídia animada, vídeo ou computador; d) Poemas Interativos: os que se utilizam de recursos de hipertexto ou programação, que permitam a interação do leitor com a obra.

Desta forma, tendo como ponto de partida o acervo da literatura luso-brasileira de caráter experimental, a partir das décadas de 60 a 80, e a literatura em formato digital, que vem se consolidando como prática de criação literária na atualidade, nos propomos a desenvolver algumas estratégias de leitura e exercícios de escrita criativa no sentido de tornar mais eficaz o processo de ensino-aprendizagem da literatura em meio digital.

2. Leitura do poema digital: o processo de escrileitura

A experiência de leitura que aqui expomos representa apenas um exemplo das propostas de Transposição Didática que elaboramos e pretendemos postar na plataforma virtual do Po-Ex, como um link específico, direcionado à utilização de professores e pesquisadores interessados no ensino-aprendizagem de literatura em meio digital. Esse tipo de atividade parte da iniciativa de pesquisadores portugueses e brasileiros que estudam a literatura luso-brasileira contemporânea, na perspectiva de sua herança estética, a partir dos movimentos da poesia experimental portuguesa e do concretismo brasileiro.

Efetivamente, com o intento de promover a disseminação, o estudo teórico e o aproveitamento didático da produção literária de nossos poetas e escritores, é que surgiu o projeto PO-EX 60/70-80, cuja plataforma se encontra disponível para a utilização de professores, pesquisadores e estudantes interessados. O objetivo do projeto “PO-EX - Poesia Experimental Portuguesa: Cadernos e Catálogos” (2005-2008) foi exatamente recolher, classificar, digitalizar e reproduzir em formatos digitais a produção da poesia concreta e visual portuguesa associada ao movimento da Poesia Experimental dos anos 60 (conhecido como PO.EX), e posteriormente dos anos 70-80 (2010-2012), com vista à produção de um CD-ROM e de um Portal na Internet (<http://www.po-ex.net>).

Com essa iniciativa, a Universidade Fernando Pessoa, sediada em Porto, Portugal, juntamente com pesquisadores brasileiros, entre os quais me incluo, oferecem à comunidade acadêmica, aos professores e alunos da Escola Básica e ao público em geral um ambiente virtual propício à interação, apreciação estética e aprendizagem. Nesse portal, os professores poderão

dispor de boa parte da produção poética dos autores portugueses, bem como de textos teóricos, escritos sob forma de artigo, que poderão ser úteis para a compreensão, interpretação e aproveitamento didático da literatura. Passaremos a relatar, portanto, um dos exemplos de Transposição Didática a serem postados ao longo do desenvolvimento do projeto:

A) Instruções:

1. Acessar o portal pelo endereço: <http://www.po-ex.net>
2. Explorar os links da barra superior para conhecer melhor o contexto do portal.
3. Clicar no link “Releituras”.
4. Neste, acessar uma das “releituras” dos “Poemas em efe”, de Salette Tavares.

B) Transposição didática:

A essa altura, o professor estará diante dos poemas que nos propomos a analisar. Voltará sua atenção ao poema digital “Ferrugem”, de Rodrigo Melo e Pedro Reis, uma releitura em formato eletrônico de um dos “Poemas em efe”, de Salette Tavares, uma das poetas mais versáteis e criativas da geração PO-EX 60. Logo abaixo, terá a versão original do poema visual da autora, publicado antes num dos Cadernos do grupo. Para conhecê-la melhor e os aspectos peculiares de seu trabalho poético e artístico, o professor poderá acessar, no link “Artigos”, o texto de Rui Torres, intitulado *Transposição e variação na poesia gráfica de Salette Tavares*. Seria interessante ler também o texto de Pedro Reis, que consta no mesmo link, cujo tema é *Media digitais: novos terrenos para a expansão da textualidade*. Este ajudará o professor a compreender melhor as muitas possibilidades de construção do texto impresso ao digital.

Partindo do poema de Salette Tavares, o professor poderá iniciar, junto com seus alunos, um estudo exploratório do vocabulário utilizado pela autora para compor seu texto. Os vocábulos parecem surgidos diretamente de um dicionário, uma vez que consistem todos em termos iniciados pela letra “F” (fonte, fauna, fome, ferrugem, face, falo, etc). No entanto, subvertendo a ordem linear e alfabética do dicionário, a poeta os dispõe de forma dispersiva, ordenando-os em grupos de vocábulos, distribuídos na página, em diferentes direções de leitura: de baixo para cima, de cima para baixo, na lateral, etc. Já aí se percebem alguns recursos da poesia visual: o aproveitamento do espaço em branco da página, o efeito visual da palavra sobre a página, a sugestão de movimento, as múltiplas possibilidades de leitura. O professor poderá sugerir aos alunos a busca de relações entre os vocábulos agrupados, privilegiando os aspectos fônicos (construção dos sons) e visuais (construção de imagens). Aqui, ele pode aproveitar para esclarecer conceitos como “aliteração” (repetição de fonemas consonantais) e “assonância” (repetição de fonemas vocálicos), lembrando-se de que, no nível fonético do poema, nunca se deve referir-se à letra (no caso a letra F, mas ao

fonema /f/). Aqui as palavras “ferrugem” e “fedor” (captar a supressão do fonema /e/) são dignas de nota. Depois, é possível estabelecer relações semânticas, uma vez que o conteúdo desses termos, envolvidos nesse contexto de construção poética não pode ser desprezado. Nessa altura, o uso do dicionário para esclarecer alguns significados de palavras pode ser útil para uma melhor compreensão do poema. Seria interessante também observar que a poeta utiliza esse recurso por meio do asterisco posto para designar o significado do vocábulo “facheta”. Algumas palavras podem ter duplo sentido, como “falo”, que pode ser entendido como substantivo (falo) ou verbo (1ª pessoa de falar) e “fã-lo” (fazer isso). Isso pode despertar a discussão sobre a necessidade de “contextos” de interpretação das palavras, o que fica bastante diluído em poemas dessa natureza. Nesse caso, pode-se refletir sobre a intencionalidade da poeta ao construir seu texto. Mesmo uma aparente “falta de sentido” faz sentido, ou mesmo, vários sentidos. É possível explorar essa dimensão da comunicação da mensagem, lembrando que um poema é primordialmente um “evento comunicativo”. Na sequência, o professor pode propor alguns exercícios de escrita criativa, como num “ateliê de poesia”. Um exercício bem divertido seria propor a elaboração de frases de efeito, humor ou *nonsense* com as palavras do poema, criando situações caóticas de escrita: Não faço o que falo, mas o que quer o falo/ Falar e flamar, é só fomentar/ A ferrugem fere até mesmo o ferro/ Fui-me fera felina em faminta força/ A flor fusível foge à flauta fonte. (É preciso lembrar que não se deve dar uma série de exemplos a serem “copiados” pelos alunos. Apenas lançar algumas sugestões que estimulem a criatividade). O resultado pode ser um poema dadaísta, um poema concreto, um jogo de linguagens, como “provérbios em f”.

Para revisitar as primeiras criações dos poetas concretistas e do experimentalismo português, poderia ser proposto também um exercício de elaboração de poemas visuais, tendo como base vocabular uma outra letra do alfabeto para construção de novos fonemas e grupos de palavras (P, R, T...), estabelecendo novas relações morfosintáticas e semânticas, e explorando, assim, os recursos da musicalidade, do ritmo, da espacialidade, da visualidade do poema. Inicialmente sem animação ou uso de recursos acústicos e/ou cinéticos, os textos seriam elaborados no papel (ou tela do PC), mas apenas com recursos da escrita: tipo, cor, formato das letras, configuração do espaço, direções de leitura, formação de imagens estáticas, enfim. Na prática, essa experiência poderia gerar uma reflexão fecunda sobre as peculiaridades do gênero lírico, bem como os recursos estilísticos a serem explorados na composição de produções dessa natureza. Poemas em forma de caligramas - que criam figuras, a exemplo de taças, de asas, de cruces, cubos e círculos, entre outras formas. Ou mesmo uma revisitação do Soneto, enquanto forma fixa (2 quartetos e 2 tercetos), mas com uma “performance” moderna. Talvez o resultado pudesse ser um *Soneto em S* - para contrastar uma forma fixa, estruturada - com uma configuração mais livre, sem ritmo ou rima, em versos livres, ou mesmo, apenas em imagens de Ss, como num poema visual do Concretismo:

Junto dessas atividades de leitura e escrita com o poema visual, o professor poderá trabalhar também com o poema digital, que, nesse caso, consiste em mais um exercício de escriteitura do poema original. Nesse poema, Ricardo Melo e Pedro Reis utilizaram recursos de animação para dar movimento às palavras e reproduzir, com muito mais eficiência, o efeito sugerido por Salette Tavares no poema impresso. Esse fato, por si mesmo, já pode suscitar uma discussão com a turma a respeito da intensificação dos “efeitos de sentido” da mensagem em formato digital, uma vez que o poeta tem a seu dispor muitas ferramentas de natureza multimidiática para a transposição de códigos e signos (palavra, som, imagem, movimento, animação, ritmo, entre outras).

Um dos primeiros efeitos que chamam atenção no poema digital é o cinético, haja vista o movimento conferido às palavras, que “passeiam” no espaço em branco, já agora em terceira dimensão, uma vez que não se encontram mais no plano linear do papel. Há uma dimensão de profundidade, de zoom, que lança outras perspectivas de leitura ao olhar. A palavra “ferrugem” se estende, como um longo trem de vagões, pela repetição da “letra r”, destacando-se, nesse caso, o efeito visual da sequência de rrrrrrrrrrrrr, que compõem a “imagem” do trem, bem como da repetição do fonema /r/, aqui sugerindo o efeito sonoro de um antigo trem de ferro. A letra F (em tipo minúscula/aumentada) se destaca também (formando a palavra “falo”), sendo lançada de um lado a outro do poema, como um referente que se repete ao infinito, o que amplia em muito suas possibilidades de significação. As outras palavras gravitam como satélites num sistema em rede, num trânsito descontínuo e fragmentário, que pressupõe a própria potencialidade do “caos” (do dicionário, da língua, do signo) em seu estado de virtualidade. Esse jogo de espelhos, que sugere uma constelação de signos verbais, já em si mesmo aponta para a metáfora do “virtual”, que se opõe não ao “real”, mas ao “atual”, segundo bem assinala Pierre Lévy, em seu texto *O que é o virtual?* Neste, esclarece o autor que o termo “virtual vem do latim medieval *virtualis*, derivado por sua vez de *virtus*, força, potência (...) A árvore está virtualmente na semente (...) O virtual não se opõe ao real, mas ao atual” (LÉVY, 1996, p.15,16). Esse conceito é importante porque ajuda o professor a esclarecer a seus alunos que a virtualização é uma experiência muito anterior ao aparecimento dos média digitais e da internet, considerando-se inclusive a religião, a memória, o conhecimento e a imaginação (arte, literatura...) como formas de virtualidade. É assim que o texto virtual só passa a existir no momento de sua atualização, quando se dá o processo de escriteitura. Nesse âmbito, indaga Pedro Reis: “Onde está o texto informático? Num certo sentido, podemos afirmar que não está em lugar nenhum (...) não se encontra num lugar determinado (...) o leitor contempla o poema, vê o texto ganhar vida diante de seus olhos e durante um determinado período de tempo. (REIS, 2006, p. 45,46). Assim, temporalidade, materialidade e visualidade são dimensões que se apresentam de forma bastante diferenciada no texto digital.

Para explorar essas dimensões, o professor poderá propor atividades de escrita criativa com a *performance* (misto de leitura oral, teatro, mímica, expressão corporal), com a elaboração de *vídeo* e *infopoesia* (utilizando recursos de edição de imagem e som, interação de diferentes mídia para fazer animação), enfim. Se a escola tiver um laboratório de informática, alguns desses recursos estão disponíveis em softwares especializados. Novos poemas cinéticos poderão surgir e uma exposição desse trabalho poderia ser bem interessante. Um outro recurso possível seria utilizar-se do *Poemário*, blog de poesia combinatória, aberto ao domínio público, criado pelo pesquisador português Prof. Dr. Rui Torres, coordenador do CETIC, e que está disponível no endereço: <http://telepoesis.net/poemario>. Nesse blog, os alunos poderão ser conduzidos em exercícios criativos de elaboração de poemas digitais por meio de um programa de computador que consiste num gerador de texto automático (SINTEXT – criado por Pedro Barbosa, Abílio Ferreira e José Manuel Torres), atualizado no software *Poemário* por Rui Torres e Nuno Ferreira. O site é fácil de usar. Ao acessá-lo, basta clicar em um dos *Motores Poéticos*, “montar” o poema e clicar em @ para publicá-lo. A experiência promete. Desta forma, o Poemário se apresenta como um campo fértil de cultivo da escrita aos professores da Escola Básica e seus alunos.

3. Relatos de Missões de Pesquisa – Projeto PO-EX 70/80

3.1 Missão Madrid: 23 a 25 de junho de 2010

Em Madrid, participamos da 2010 International Conference da AHLiST (Association of History, Literature, Science and Technology), realizada entre os dias 23 e 25 de junho, na Universidad Complutense de Madrid, que organizou o evento, juntamente com a Purdue University, a University of Houston, a Nebrija Universidad e a Saint Louis University.

A conferência de abertura do evento, proferida pelo professor Doutor Roger Chartier, do Collège de France, versou sobre o tema: “The Author’s Hand: From Manuscript to Print to Manuscript.” Em sua fala, Chartier ressaltou uma questão polêmica, suscitada já por Foucault, quando refletia sobre as epistemes ocidentais e a cultura letrada que surgiu com o advento da imprensa: a alegada “morte do autor”. Propondo-nos uma reflexão crítica que perpassa dos manuscritos à imprensa - que consolidou a permanência do livro como objeto cultural e estético - até o advento da internet na irrupção da cibernética, Chartier defende a presença, por vezes sutil, do autor (em sua face oculta e subliminar), subjacente à sua obra, em cumplicidade com o leitor. Um ponto relevante dessa discussão é o papel do autor como “criador” de discursos. Assim, quando se

fala na escrita de um autor, não nos referimos tão somente a um discurso em particular, mas às novas possibilidades de discurso que este possa gerar num âmbito mais amplo de práticas discursivas sociais. Não é sem razão que a própria gramática da norma culta de um dado povo é essencialmente baseada na prática discursiva de seus maiores escritores. Desta forma, se destaca a importância de se pensar a função do autor no contexto das novas textualidades digitais, onde atuam simultaneamente o autor, o programador (eventualmente o webdesigner) e o leitor virtual. Isso tem suas implicações quando se trata do trabalho que realizamos enquanto pesquisadores, frente as necessárias reflexões teóricas, classificação e interpretação de obras para preservação em arquivo digital da poesia experimental portuguesa, bem como da produção digital dela decorrente. Uma outra questão pertinente e que se põe em discussão é: Quais são os limites da ação do autor quando este interage diretamente com o computador, enquanto máquina semiótica, na criação de um texto generativo, como o do Sintext? Até que ponto se pode dizer que uma escrita é “automática”, se é que, de fato, tal escrita é possível? E se existe, quais as potencialidades e limites desse automatismo no processo de criação literária digital? São aspectos da discussão que nos interessam no âmbito do Po-Ex.

Na sequência, a Conferência foi estruturada por painéis de discussão simultâneos, tendo as seguintes áreas de eleição: Tecnologia, Ciência, Literatura, História, Antropologia, Linguística, Sociedade e Educação.

No painel *Technology C – Archiving Information*, foram apresentados os trabalhos de pesquisadores da Universidade Complutense de Madrid, da Illinois State University, além do nosso próprio trabalho. Todos contemplavam a temática da configuração e processo de criação de arquivos digitais em suas múltiplas aplicabilidades nas áreas da pesquisa científica e do registro histórico. O professor Eugênio Martínez, da Complutense, fez o relato do Projeto “Tools for Decipherment: Philology and Technology in the Hesperia Databank”, que já decorre há 10 anos, em que se desenvolve um banco de dados, criado para registro, interpretação e enquadramento antropológico de sítios arqueológicos da Espanha, destacando os aspectos filológicos e tecnológicos do processo. A pesquisadora da Universidade de Illinois, Jean MacDonald, apresentou o projeto “Libraries, Librarians and Patrons – Use of Identifiers for Locating Information”, desenvolvido pela universidade para integrar, num arquivo comum, as bibliotecas públicas da cidade, otimizando o acesso de estudantes e professores de escolas básicas. A altura, apresentamos também nosso trabalho, tendo como temática a “Preservation and Dissemination of Experimental and Electronic Literature: The Digital Archive PO-EX 70-80”, pela qual expusemos a proposta, os objetivos, a fundamentação teórica, as linhas de pesquisa e de ação do projeto PO-EX 70-80. Em nossa fala, destacamos, no âmbito dessa discussão, as especificidades envolvidas na criação e manutenção de

um arquivo digital, no contexto tão particular da literatura experimental portuguesa, bem como das diferentes formas de criação poética intermédia que dela decorrem, a exemplo da performance, do happening, da instalação, da poesia eletrônica, da hiperficção, da ópera quântica, enfim, de uma gama tão diversificada de textos e processos criativos abertos e reticulares.

O debate posterior às apresentações foi muito interessante, no qual se evidenciou a preocupação com os “direitos autorais” no que toca a divulgação e socialização das obras dos escritores envolvidos no projeto por meio da plataforma digital. Essa é uma questão inevitável, que se impõe num contexto de intensa participação do leitor no processo de recepção-criação do texto virtual, o que, inclusive, justifica o tema da conferência de abertura. Uma outra questão se refere à feitura dinâmica e mutante do hipertexto, que, a partir de um texto matriz, permite a recriação indefinida de textos variacionais que exigem, sem dúvida, uma nova configuração do arquivo. Foi levantada, ainda, a questão do contexto histórico e social que envolveu o florescimento da poesia experimental portuguesa, ligada esta aos movimentos de contestação política, sobretudo na década de 60, num momento de grande ebulição política no país, bem como em situação de extrema repressão. Nesse aspecto, ressaltamos a relevância do Po-Ex em razão do resgate histórico que promove, no sentido de interpretar uma época e o discurso literário de cariz político, mas também estético, que se pronunciou num momento determinante da história em Portugal, o que destaca ainda mais sua importância, bem como sua responsabilidade enquanto projeto.

No painel *Technology A – Text Recognition, Interpretation and Conservation*, foram relatados três projetos por pesquisadores da Complutense e da Universidade de Sevilla. Todos tinham em comum o tratamento de dados, a interpretação e o armazenamento de informação de textos antigos, a exemplo dos textos bíblicos e arquivos da Idade Média. O trabalho da professora Ana Maria Pacheco Martínez, do Departamento de Matemática Aplicada e Engenharia Informática da Universidade de Sevilla, versou a respeito da análise de documentos por imagem aplicada a textos antigos, no âmbito do arquivo digital que desenvolvem para o Arquivo Geral das Índias. Trocamos contatos com a professora Martínez para oportuna visita à Universidade de Sevilla, num encontro com os demais pesquisadores do grupo CATAM (Computational Algebraic Topology and Applied Mathematics), quando poderíamos expor as diretrizes do Po-Ex, em busca de parcerias e pesquisa colaborativa. A professora nos contactou, mas a data proposta infelizmente não era compatível, devido a nossos compromissos com a Universidade de Granada, em visita anteriormente agendada, para o mesmo dia. No entanto, mantemos ainda a possibilidade de encontro com os pesquisadores de Sevilla numa posterior missão de pesquisa.

No painel *Portuguese Literature A*, cujo tema geral foi “Decifrando a História: Arte e Republicanismo em Portugal”, foram apresentadas as comunicações dos professores Sílvia Oliveira,

da Purdue University, e Ricardo Azevedo Silva, da Universidade de Coimbra. Os autores propuseram interessantes reflexões sobre a atuação da arte, da novelística e da arquitetura portuguesa, com relação ao engajamento político, numa situação pontual da história portuguesa: o nascimento e a consolidação da República. O debate suscitou várias questões sobre o papel do artista, seja este ficcionista, poeta, designer ou arquiteto, numa dada interpretação da realidade, em que não pode prescindir de uma participação efetivamente política. Esse enfoque da discussão nos remonta exatamente ao papel desempenhado pelos poetas e artistas da Po-Ex quando, a partir da década de 60, levantaram a voz para denunciar o marasmo que acometia o país no plano das ideias, em meio a uma intelectualidade, segundo eles, retrógrada e inerte, cujo peso já se começava a sentir no cenário político e cultural (cujo debate era quase inexistente, no dizer de Ana Hatherly), ao qual reagiram em tempo, numa corajosa atitude de questionamento e de propostas inovadoras no plano estético. Isso nos levou a levantar, no debate posterior, a relevância de se registrar, disseminar e promover o conhecimento da literatura experimental portuguesa, também por sua atuação política e comprometimento com os ideais democráticos, uma vez que seus escritores, tendo como arma a palavra, lutaram, entre avanços e recuos, em busca de uma sociedade mais justa. Assim, não se pode desvincular a Po-Ex de um momento histórico, pontual, que possui também sua carga ideológica, levando-se as gerações futuras a refletir sobre o papel social da literatura. A partir dessas reflexões, pudemos inferir que o PO-EX 70/80, agora em curso, bem como o que já foi concluído, referente a década de 60, possui, para além da sua missão literária e cultural, uma missão pedagógica, no sentido em que permitirá aos professores, licenciandos, alunos da escola básica e todos os envolvidos em projetos educacionais, o conhecimento mais amplo e específico da literatura portuguesa, compreendendo melhor as vertentes mestras de sua construção: o projeto estético, por um lado; e o projeto ideológico, por outro.

Por fim, participamos do painel *Cognitive Science B – Theory of Mind*, no qual diversos pesquisadores das Universidades de Purdue, Burgundy, Sharif e Nova de Lisboa apresentaram trabalhos que refletiam sobre a complexa e intrigante relação entre a mente e a máquina no contexto da cibernética, da nanotecnologia e da inteligência artificial, na cibercultura. Pelo teor das exposições e discussão posterior, ficou muito claro que já não se justificam indagações ingênuas da “disputa” entre homem-máquina, da fantasia do “computador pensante”, que supera as faculdades intelectivas humanas. A preocupação com o domínio das máquinas e delírios como esse só têm lugar hoje, com certa pitada de humor, nos filmes de ficção científica. O que se evidencia na aplicabilidade da tecnologia no campo das ciências é a necessidade de se separar mito e realidade, a fim de se compreender melhor a extensão de seu uso em projetos de criação de inteligência artificial, de experiências de simulação da realidade e tantas outras possibilidades, nos planos da cibernética, da semiótica e da robótica, com vistas ao desenvolvimento humano e resgate da

cidadania. Um dos exemplos dados foi o trabalho do pesquisador da Universidade Nova de Lisboa, Ícaro Vidal Junior, que fez o relato interessante de um projeto de integração midiática, em que se alia o cinema, a literatura e a simulação (realidade virtual) para o tratamento de neuroses de guerra em soldados americanos ex-combatentes do Afeganistão. Ícaro é pesquisador brasileiro, da Universidade do Rio de Janeiro, com quem travamos conhecimento em nossa missão de pesquisa em Santiago de Compostela.

Com certeza, um evento como esse, extensivo a três dias de conferências, exposições de trabalho e discussão, não se esgotaria no corpo de um breve relatório. O que se propõe aqui é apenas dar uma amostra do que foi tratado, apontando para as possíveis implicações desses conteúdos às nossas pesquisas no âmbito do Po-Ex. Acreditamos que a participação em eventos como este é de suma importância aos nossos pesquisadores e que poder usufruir de oportunidades como esta é sempre gratificante.

3.2 Missão Granada: 26 a 30 de junho de 2010

Nossa visita à Universidade de Granada (UGR) teve como objetivo contactar o professor doutor Domingos Sánchez-Mesa Martínez, coordenador do projeto LACE (Literature end Change in Europe), com o qual tivemos, no dia 30, um encontro para apresentação das linhas de pesquisa e diretrizes gerais do PO-EX 70/80, contando com a participação dos professores do Departamento de Teoria da Literatura da UGR. Os pesquisadores mostraram-se muito interessados em estabelecer uma parceria conosco em ações colaborativas de pesquisa, com a possibilidade de realizarem também um projeto futuro, semelhante ao PO-EX, direcionado ao registro em arquivo digital, estudo teórico e disseminação da literatura experimental espanhola, de grande expressão no cenário da literatura nacional e europeia.

Na ocasião, pronunciamos também uma conferência no âmbito do curso *Teoria de la Literatura y de las Artes*, no programa de Doutorado em *Teoria de la Literatura y de las Artes y Literatura Comparada*, cujo tema foi “Arquivos Digitais de Literatura Experimental: Visualidade, Materialidade e Variabilidade”. Em nossa fala, abordamos a natureza e as especificidades da produção poética experimental portuguesa, em suas múltiplas textualidades, bem como as implicações da transposição semiótica desses textos - em sua maioria, em forma de poesia visual impressa, além de poemas-objeto, instalações e performances - para a visualidade e materialidade digital. Os alunos mostraram-se curiosos com as peculiaridades de um trabalho dessa natureza, que exige a intervenção multimídia, bem como um cuidadoso processo de seleção de corpus,

classificação, investigação teórica e domínio de tecnologia informática. Foi discutida também a relação da literatura com as outras artes e suas linguagens, a exemplo da pintura, do cinema e do teatro, na medida em que a maioria das obras contempladas pelo projeto apresentarem uma natureza intersemiótica.

Também em Granada, tivemos a rica oportunidade de fazer uma visita acadêmica à cidadela moura de Alhambra, no dia 29, juntamente com o grupo de alunos do Doutorado, sob a orientação do professor Domingos, que nos guiou pelas trilhas dos castelos e pátios, e pelos jardins do Genelalife, explicitando os aspectos históricos e culturais desse rico itinerário. Alhambra foi construída na colina de Sabika, entre os rios Darro e Gentil, por volta do sec. XII. A maior parte do complexo foi construído entre 1248 e 1354. O nome vem do termo árabe "al-hambra" (la roja), aludindo ao aspecto avermelhado de suas muralhas. Em outra versão, vem do feminino do sobrenome de seu fundador, o emir Ibn Alhamar, al-hamar, "el bermejo". Os palácios e jardins de Alhambra são também uma mostra autêntica das artes mudéjar e moçárabe, tão peculiares ao estilo hispano-muçulmano, onde se destacam os efeitos decorativos dos espaços, a atenção ao detalhe, a riqueza de materiais. Durante a visita, Domingos destacou os pontos centrais da arquitetura árabe, enriquecendo sua fala com a leitura dos poemas dedicados a cada um daqueles espaços – em sua quase maioria, de natureza religiosa e/ou laudatória às figuras de Alá e dos soberanos islâmicos. Foi interessante perceber também as inscrições de poemas e máximas de louvor a Alá que se destacam nos frisos decorativos de colunas e portais dos palácios. Isso gerou uma discussão do grupo sobre a relação da literatura com a arquitetura islâmica, marcada pela proibição do uso de imagens, sobretudo a reprodução de figuras humanas, o que justifica a ausência de pinturas figurativas nos palácios de Alhambra. A poesia aparece, então, por meio de inscrições que compõem o rico cenário estético dessas construções, ao lado de fontes, espelhos d'água e jardins paradisíacos, que têm também seu motivo ideológico dentro da cosmovisão muçulmana.

Com efeito, “a feitura dos caracteres confere à escrita árabe peculiaridades que a tornam sobremaneira elegante. O lugar de destaque que as palavras têm dentro no Islã incentivaram os usos artísticos do alfabeto como em pinturas, tapeçarias e pratarias. Desta forma, a construção das palavras tornou-se arte, a arte visual da escrita. Uma arte símbolo de unidade, beleza, cultura e poder, convergindo muçulmanos em todo mundo, incorporando estéticas e integrando o conhecimento artístico com o acadêmico, numa cultura onde as formas escritas servem à transcendência do dito ou do objeto representado”. (http://obviousmag.org/archives/2007/08/caligrafia_arab.html). Assim, em nossa fala sobre a visualidade e a materialidade da poesia experimental portuguesa, aproveitamos os elementos vistos anteriormente em Alhambra para chamar a atenção dos alunos para as relações da poesia visual com

a escrita ideogramática, elemento enriquecedor nas experimentações poéticas tanto de escritores brasileiros (a julgar pela poesia concreta) quanto de portugueses, que resultaram na concepção da palavra-imagem. Acreditamos que as discussões em Granada foram muito profícuas e nosso contato com os estudantes muito agradável. Desta forma, acreditamos ter despertado nesses jovens pesquisadores o interesse pelo estudo da literatura eletrônica e da hipermídia, o que também faz parte de nossa missão pedagógica, no âmbito de atuação do PO-EX.

3.3 Missão Santiago de Compostela: 7 a 9 de junho de 2009

A missão destinada a Santiago de Compostela teve como objetivo fazer o contato com a equipa de pesquisadores da Universidade local (USC), representados pelos professores Maria Teresa Vilariño Picos e Anxo Abuín Gonzalez, no sentido de dar conhecimento do projeto PO-EX e suas linhas de pesquisa e atuação, para dar início a uma ação colaborativa de pesquisa entre a USC e o CETIC no âmbito do projeto. Além disso, na ocasião, foi possível também participar do encontro com o poeta e artista de cibearte Eduardo Kac, recebido pela USC na conferência “DEM (Digital and Eletronic Mind/ Deus ex Machina)”, ministrada no Centro Galego de Arte Contemporânea, no dia 8 de junho.

A reunião com os referidos professores se deu no dia 8, às 14 horas, contando com a presença de Eduardo Kac. Na ocasião, fizemos o relato do projeto, apresentando em linhas gerais seus objetivos, linhas de pesquisa e ação, corpus, equipa e consultores. Respondemos as questões que nos foram feitas e entregamos um exemplar do CD-Rom PO-EX 60, produto da pesquisa realizada pelo primeiro projeto em 2005/08, aos participantes. Na USC, participamos também à professora Teresa Vilariño a respeito de nosso trabalho de pesquisa em produção de material didático para Ensino a Distância (EaD), bem como da atuação na Rede Goiana de Leitura e Ensino de Poesia (Redepesq), junto a UEG/UFG, universidades de Goiás-Brasil. Houve muito interesse em firmarmos futuros intercâmbios de pesquisa e trabalho colaborativo nesse sentido também.

Como seria o dia da conferência de Eduardo Kac, que se realizaria às 18h30min, encerramos nossa conversa às 16 horas. Foi um momento bastante proveitoso para nós, uma vez que ficamos em aberto várias possibilidades de novos encontros e partilhas.

O encontro com o artista, poeta e pesquisador Eduardo Kac foi bem interessante. Ele apresentou a uma platéia de cerca de 30 estudantes de Artes da USC um panorama de seu trabalho como poeta e artista, desde inícios da década de 1980, quando começou com a criação de poemas visuais (Abracadabra, 1985), até os momentos de produção de ciberarte e o que chamou de

“telepresença” e “bioarte”. A essa altura, o artista ressalta que a idéia de telepresença não é “simular a presença remota, mas estimular outras modalidades de presença”. Fizeram parte dessa experiência muitas criações, destacando-se *Ornitorrinco* (1989), *Rara Avis* (1996), *Time Capute* (1997), entre outras.

Segundo o próprio poeta, sua obra divide-se em duas vertentes principais: a) a poesia experimental, digital e holográfica b) a artística: a telepresença e a bioarte. Todas as suas experiências com ciberliteratura, arte eletrônica e bioarte apenas confirmam as infinitas possibilidades de criação, utilizando-se as relações intermédias.

O que se destacou nesta fala foi, enfim, o que se disseminou de concepções de arte e de interatividade com o público no próprio processo de criação da obra de arte, sendo esta uma instalação, um poema visual, uma performance ou uma experiência de telepresença ou bioarte. A questão central é entender a complexidade da comunicação, que não é prerrogativa do humano. Isso nos leva à busca de uma arte dialógica, intersubjetiva, que permita uma comunicação não apenas entre sujeito-objeto, mas entre objeto-objeto. Nesse contexto, é preciso entender a obra de arte como um espaço poético aberto à construção individual como produto da interação com o público. Por exemplo, em *História Natural do Enigma*, o artista insere numa petúnia parte de seu DNA, criando uma nova e única espécie artificial da flor, que ele chamou de Edúnea. A experiência foi feita entre os anos de 2003/08 no Laboratório de Microbiologia de Lince, na Áustria, e exposta em 2009 no Weisman Arte Museum, em Minneapolis.

Dessa experiência em Compostela, pudemos inferir que a pesquisa, as discussões teóricas e as experiências de criação no ciberespaço estão apenas começando. A julgar pela velocidade de desenvolvimento das TICs e das amplas possibilidades da genética e da própria cibernética, há muito espaço ainda a ser explorado.

Ao concluirmos, então, este relatório, queremos deixar aqui nossa palavra de apreciação e reconhecimento ao professor doutor Rui Torres, nosso orientador nesse estágio pós-doutoral e coordenador do CETIC, pelo apoio e disposição com que tem respondido às nossas demandas, no âmbito de nossas pesquisas e do Projeto PO-EX, aos pesquisadores, professores e bolsistas que se tornaram parceiros, unidos e movidos todos pelo amor ao conhecimento.

4. Produção bibliográfica

SILVA, D. C. S. E. ; TORRES, R. . Poesia Luso-brasileira contemporânea: do verbo ao pixel. **Via Litterae**, v. 2, p. 189-205, 2010. ISSN: 2176-6800 (artigo)

SILVA, D. C. S. E. . Do verbo ao pixel: interfaces do poético em hipermídia. **Cibertextualidades** (Porto), v. 3, p. 31-41, 2009. ISSN: 1646-4435 (artigo)

SILVA, D.C.S. Tema transversal: leitura e produção de texto. In: GUIMARÃES, L.M.B. (Org) **Trama I -Artes Visuais**. Goiânia: FUNAPE, 2009. (Col. Tramas e Urdumes).

ISBN: 978-85-87191-26-7. (livro didático)

SILVA, D.C.S.E.. Entre o texto e a tela: as interfaces do discurso poético midiático. In: ANTONIO, Jorge Luiz (Org). **Poesia eletrônica**: negociações com os processos digitais. São Paulo: FAPESP; Itu, SP: Autor; Belo Horizonte, MG: Veredas & Cenários, 2009. CD-Rom. <http://jlantonio.blog.uol.com.br>

SILVA, D.C.S.E ; MATTOS, Mariana Rocha. Ciberliteratura: a poesia na tela. In: ANTONIO, Jorge Luiz (Org). **Poesia eletrônica**: negociações com os processos digitais. São Paulo: FAPESP; Itu, SP: Autor; Belo Horizonte, MG: Veredas & Cenários, 2009. CD-Rom. <http://jlantonio.blog.uol.com.br>

SILVA, D. C. S. E. Colóquios transversais de língua e literatura: capacitando professores da Escola Básica. In: CAMARGO, G. F. O. (org). **Caderno 1-Redepesq**. Rede Goiana de Pesquisa em Leitura e Ensino de Poesia. Goiânia: Editora da UFG/FAPEG, 2009.

PIETRAFESA, J. P. ; BORBA, O.F. ; SILVA, D. C. S. E. ; PEREIRA, L. L. I. . **Do contexto ao texto**: desafios da linguagem científica. 2. ed. Goiania: KELPS, 2009. ISBN: 85-7692-097-2 (livro)

SILVA, D. C. S. E. . As interfaces do poético na cultura visual contemporânea. In: II SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM CULTURA VISUAL, 2009, GOIANIA. ANAIS DO II SEMINARIO NACIONAL DE PESQUISA EM CULTURA VISUAL. GOIANIA : EDITORA DA UFG, 2009. p. 1-11. ISSN: 1983-1919 (artigo)

SAHIUM, P.F. ; SILVA, D. C. S. E. . Os significados da leitura acadêmica para o professor em formação e as novas formas de leitura. In: XVIII SIMPOSIO DE ESTUDOS E PESQUISAS DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO - UFG, 2009, GOIANIA. FORMAÇÃO, CULTURA E SUBJETIVIDADE. GOIÂNIA : Editora da UFG, 2009. (artigo)

SAHIUM, P.F. ; SILVA, D. C. S. E. . Por uma outra globalização: Milton Santos e a visão em perspectiva da nova sociedade tecnológica. In: XVIII SIMPOSIO DE ESTUDOS E PESQUISAS DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO, 2009, GOIANIA. FORMAÇÃO, CULTURA E SUBJETIVIDADE. GOIÂNIA: Editora da UFG, 2009. (artigo)

CARVALHO, E.C. ; SILVA, A.M. ; SILVA, D. C. S. E. . Ciberliteratura e linguagem não verbal. In: III EDIPE - ENCONTRO ESTADUAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO, 2009, ANAPOLIS. ANAIS DO III EDIPE. GOIANIA : CEPED, 2009. ISSN: 21762481 (resumo expandido)

SOUZA, HELLEN K.M.N. ; MEDEIROS, A. C. S. ; SILVA, D. C. S. E. . E-poesia: Arnaldo Antunes on line. In: III EDIPE - ENCONTRO ESTADUAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO, 2009, ANAPOLIS. ANAIS DO III EDIPE. GOIÂNIA : CEPED, 2009.

ISSN: 21762481 (resumo expandido)

PAIVA, M.C.M.; SILVA, D. C. S. E LEITURAS DE VAN GOGH EM DAL FARRA: AS INTERFACES DO DISCURSO POÉTICO E PICTÓRICO. In: **Revista Pensar e Agir**. PBIC e Extensão. 1.ed. Anápolis: UniEvangélica/FUNADESP, 2010. (resumo expandido)

SILVA, D. C. S. E. LER, LENDO, ECRILENDO: LEITURA DE POESIA DIGITAL E ESCRITA CRIATIVA. In: III CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE COMPREENSÃO LEITORA. BRASILIA: UnB, 2010. ISSN: 2178-6852 (Caderno de resumos)

SAHIUM, P. F.; SILVA, D. C. S. E. OS SIGNIFICADOS DA LEITURA NO ENSINO SUPERIOR. In: III CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE COMPREENSÃO LEITORA. BRASILIA: UnB, 2010. ISSN: 2178-6852 (Caderno de resumos)

SILVA, D. C. S. E. . A VIDEOPOESIA DE ARNALDO ANTUNES: DESAFIOS DA LEITURA EM HIPERMÍDIA. In: I SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS EM LINGUAGEM. INTERFACES ENTRE LINGUISTICA, LITERATURA E OUTRAS ARTES. GOIANIA : Editora UCG, 2009. v. 1. p. 38-39. ISBN: 9788577666447 (resumo)

CARVALHO, E.C. ; SILVA, A.M. ; SILVA, D. C. S. E. . CIBERLITERATURA E LINGUAGEM NÃO-VERBAL. In: I SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS EM LINGUAGEM. INTERFACES ENTRE LINGUISTICA, LITERATURA E OUTRAS MÍDIAS. GOIANIA : Editora da UCG, 2009. v. 1. p. 37-37. ISBN: 9788577666447 (resumo)

SILVA, D. C. S. E. . A poética do pixel: interfaces da leitura em hipermídias. In: II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA/ XII SIMPÓSIO NACIONAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA, 2009, UBERLÂNDIA. ANAIS DO II SIMPÓSIO INTERNACIONAL..., 2009. (resumo)

Artigos aceitos para publicação

- 1 SILVA, D. C. S. E., GUIMARÃES, L. Uma experiência de autoria, mediação pedagógica e pesquisa em EaD. In: REIS, P.; SILVA, F. (Org). **Cibertextualidades**. E-learning: desafios pedagógicos, n.4, ed bilíngüe, Porto, Editora da UFP. Previsão: 2011/1.
- 2 TORRES, Rui; SILVA, D. C. S. Teoria da informação e concepção poética em Salette Tavares. In: **Revista da UFP**. Porto: Universidade Fernando Pessoa. Previsão: 2011/1.
- 3 SILVA, D. C. S. E. Poesia eletrônica e escrita criativa: ensino de literatura em hipermédia. In: CAMARGO, G. F. O. (org). **Caderno 2-Redepesq**. Rede Goiana de Pesquisa em Leitura e Ensino de Poesia. Goiânia: Editora da UFG/FAPEG. Previsão: 2011/1

- 4 SILVA, D. C. S. E., SILVA, C.A.M. Rui Torres e Clarice Lispector: Confluências de além-mar. **Revista Plurais**. Anápolis: Universidade Estadual de Goiás. Previsão: 2011/1.
- 5 SILVA, D. C. S. E. LER, LENDO, ECRILENDO: LEITURA DE POESIA DIGITAL E ESCRITA CRIATIVA. In: ANAIS DO III CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE COMPREENSÃO LEITORA. BRASÍLIA: UnB, 2010/2. ISSN: 2178-6852 (artigo)
- 6 SAHIUM, P. F.; SILVA, D. C. S. E. OS SIGNIFICADOS DA LEITURA NO ENSINO SUPERIOR. In: ANAIS DO III CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE COMPREENSÃO LEITORA. BRASÍLIA: UnB, 2010/2. ISSN: 2178-6852 (artigo)

Artigo submetido:

SILVA, D. C. S.; TORRES, Rui. 'Un Coup de Dés': La Lyrique à Venir. In : Revista Romance Notes, Universidade da Carolina do Norte, Chapel Hill (UNC-CH Press).

5. Conferências e Trabalhos apresentados em eventos

1. Conferência: *A videopoesia de Arnaldo Antunes: um poeta inclassificável*. **Seminário de Poesia Cinética do Mestrado em Poesia e Poética**. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (FLUC), 2010.
2. Conferência: *Arquivos Digitais da Literatura Experimental: Visualidade, Materialidade e Variabilidade*. **Seminário de Pesquisa do Doutorado em Teoria de la Literatura y de las Artes**. Faculdade de Letras da Universidade de Granada (UGR), 2010.
3. Ponência: *PO-EX 70/80: Arquivo digital da literatura experimental portuguesa*. Mestrado em Estudos Teóricos e Comparados da Literatura e da Cultura- Master Mundus Crossways em European Humanities. Módulo: "Cibercultura y cultura digital". Universidade de Santiago de Compostela (USC), 2010.
4. Aula Aberta: *Ciberliteratura e Escrita Automática: a Literatura Gerada por Computador (LGC)*. Mestrado em Ciências da Comunicação da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2010.
5. Comunicação oral: *Preservation and Dissemination of Experimental and Electronic Literature: The Digital Archive "PO.EX'70-80"*. **The 2010 Interdisciplinary Conference of AHLIST**. Madrid: Universidade Complutense de Madrid, 2010.
6. Comunicação oral: *Ensino de literatura em meio digital*. **I Seminário de Pesquisa do Projecto PO. EX'70-80 – Arquivo Digital da Literatura Experimental Portuguesa**. Porto, CETIC-UFP, 2010.
7. Mesa Redonda: *Ensino de Literatura em meio digital*. **XI EGEL: Encontro Goiano de Estudantes de**

Letras. Anápolis: Universidade Estadual de Goiás, 2010.

8. Apresentação de Paineis: *Licenciatura em Artes Visuais a Distância em Goiás: um relato de experiência*. **VI ESUD - CONGRESSO BRASILEIRO DE ENSINO SUPERIOR A DISTÂNCIA**. São Luís-Ma: Universidade Estadual do Maranhão (UEMA)/UNIREDE, 2009.

9. Participação em evento: **DEM-DIGITAL ELECTRONIC MIND/DEUS EX MACHINA**, Encontro com Eduardo Kac. Universidade de Santiago de Compostela (USC), 2010.

10. Participação em evento: **LUPOR III - Lusophone Postcolonial Research Network**. Braga: Universidade do Minho, 2010.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Pedro. *A Ciberliteratura: criação literária e computador*. Lisboa: Cosmos, 1996.

_____. A renovação do experimentalismo literário na Literatura Gerada por Computador. *Revista da UFP*, Porto, Pt, v. 1, n. 2, p.181-188, maio/1998.

_____. Ângulos e virtualidades do Texto Virtual: introdução ao livro electrónico infinito «Teoria do Homem Sentado», Edições Afrontamento, Porto, 1996.

_____. O Computador como Máquina Semiótica: in «Revista de Comunicação & Linguagens», Universidade Nova de Lisboa, Nº 29, Abril 2001.

_____. Pedro. Ciberliteratura, Inteligência Artificial e Criação de Sentido: disponível em «*Arte, Comunicação & Semiótica*», Edições UFP, Porto, 2002.

BURGOS, Taciana de L. (2005). O hipertexto eletrônico como instrumento de leitura:

interfaces entre a linguística e as novas tecnologias. In: *I Encontro Nacional sobre*

Hipertexto: desafios linguísticos, literários e pedagógicos: Anais..., Recife, UFPE.

Disponível em: <<http://www.ufpe.br/hipertexto2005>>. Acesso em 24 de setembro de 2010.

LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Lisboa: Instituto Piaget, 1990.

_____. *O que é o virtual?* São Paulo: Editora 34, 1996.

_____. *Cibercultura*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

MANOSSO, Radamés. *A poesia e as mídias que a suportam*. 1999. Disponível em:

<<http://sites.uol.com.br/radamesv/proposta.htm>>. Acesso em: 24 de setembro de 2010.

MARCUSCHI, Luiz A. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI, Acir Mário et al. *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

REIS, Pedro. Média digitais: novos terrenos para a expansão da textualidade. *Cibertexualidades*, Porto, Pt, n. 1, p. 43-52, jan/dez. 2006. ISSN: 1646-4435

RISÉRIO, Antônio. Ensaio sobre o texto poético em contexto digital. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado. COPENE, 1998.

SILVA, Débora C.S. Do verbo ao pixel: interfaces do poético em hipermédia. *Cibertexualidades*, Porto, Pt, n. 3, p. 31-41, jan/dez. 2009. ISSN: 1646-4435

Silva, Marco. (2003). Criar e professorar um curso on-line: relato de experiência. In: SILVA, Marco (org). “Educação on-line”. São Paulo: Edições Loyola, p. 51-73.

SOLT, Mary E. *Concrete poetry: a world view* Introduction. 1968. Disponível em: <www.ubu.com/papers/solt/intro.html>. Acesso em: 25 de setembro de 2010.

TORRES, Rui. Transformação, transposição e variação na ciberliteratura de língua portuguesa, 2008. Disponível em: < <http://telepoesis.net/papers> >. Acesso em: 26 de setembro de 2010.

VIEGAS, Ana C. A ficção brasileira contemporânea e as redes hipertextuais. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*. Rio de Janeiro: ABRALIC, n. 9, p.213-227, 2006.